Revista de Antropologia
Vol. 17/20, No. 1 (1969-1972), pp. 105-136

MIGRAÇÃO, GUERRA E SOBREVIVÊNCIA SUIÁ

Protásio Frikel
(Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém)

Os Suiá, embora ainda não estudados suficientemente[1], não são desconhecidos na etnologia. Desde von den Steinen chamaram a atenção por suas características, um tanto diferentes das dos grupos vizinhos, mormente por terem sido, por longo tempo, o único grupo jê da área alto-xinguana.

Os Suiá — nome cuja pronúncia mais correta seria Siuyá[2] — contam atualmente com 65 indivíduos entre homens, mulheres e crianças. 5 homens falam o português razoàvelmente bem e parte da nova geração entende o mais necessário. Moram, atualmente, no rio Paranajuba, ou seja Suiá-miçu, têrmo Trumái que significa "Rio dos Suiá". Os próprios Suiá, todavia, chamam o rio "Ngôtí", isto é, "Rio Grande" ou "Água Grande"[3]. Habitam uma só aldeia, Yamurekumã, embora tenham planejado uma segunda, rio acima, em local denominado Wénditáma.

Entretanto, os Suiá não são autóctones do Paranajuba. Ainda von den Steinen (1942:237 s.), há cêrca de 80 anos, os assinala no rio Xingu. Da mesma forma Ehrenreich, em 1887 (1929:252). Mas também ali eram imigrantes. Focalizaremos em primeiro lugar estas migrações, em sua relação com as guerras intertribais ou interxinguanas, pois elas nos fornecem a base para a melhor compreensão do assunto.

1. *Migração e guerra: motivos da depopulação tribal Suiá*

Conforme sua própria tradição, os Suiá vieram de regiões mais setentrionais. Um relato colhido entre êles não só indica rumos de migração, mas refere-se também a certos episódios e à aquisição de elementos culturais que podem confirmar tais rumos.

Dizem os informantes Suiá que não sabem mais com exatidão a terra de origem de seus ancestrais. Todavia, moravam muito longe dali. Apontam o rumo noroeste, "lá, onde tem milho e mandioca dentro da água".

Ponto de partida do relato das migrações é uma época em que os antigos Suiá ainda não conheciam roça ou comida boa, "comida que preste". Êles comiam casca mole e fofa, pau podre e outras coisas semelhantes. Contam:

"Um dia, uma mulher foi à beira do rio para dar banho no filhinho. Quando sentou a criança no chão, aproximou-se um ratinho. Ela se aborreceu e disse: 'Oh bicho!', pegou o ratinho e o jogou longe. Quando quis dar banho no filho, o ratinho voltou. A mulher se aborreceu mais ainda e gritou: 'Oh bicho!' Quis pegar o ratinho para enxotá-lo de nôvo. Mas o ratinho falou: 'Não faça assim, mulher, que eu quero falar bem com você!. A mulher olhou o ratinho com surprêsa porque êle falava. Entretanto, o ratinho tinha virado gente, daqueles que nós chamamos Kupé Weamtotí, isto é 'Gente Ratinho'[4]. Era um homem. Êle disse: 'Espere aí, mulher, que te vou mostrar uma coisa'. Êle entrou um pouquinho dentro da água e tirou dali alguma coisa. Mostrou à mulher. Ela perguntou: 'O que é isso?' Êle respondeu: 'É a comida da nossa gente, porque nós não comemos pau podre que não presta. Isto chama-se milho'. E depois explicou à mulher como ela devia secar, pilar e preparar o milho e como plantá-lo. Assim Suiá antigo recebeu o milho. O 'Homem Ratinho' trouxe também kwöre, a mandioca e outras coisas mais que Suiá ainda hoje planta e come. — Depois os Suiá saíram de seu lugar[5]. Subiram sempre mais para cá. Encontraram os Kupé Saká ('que diz que é Mundurukú') e houve lutas com êles. Subiram mais ainda e encontraram outra tribo hostil, chamada Kupé Krürü, isto é, 'Gente da Faca', porque costumavam cortar o pescoço de seus inimigos e levar a cabeça. Lutaram também com êstes. Encontraram-se, mais tarde, com os Kreãkóre, com os quais também houve guerra. Depois subiram mais ainda até saírem num afluente do Ronuru. Ficaram ali por algum tempo, vivendo nas vizinhanças dos grupos daquela área. Mas houve contìnuamente lutas, especialmente com os Txikão, Waurá, Kamaiurá e Trumái. A conselho de um wayangá (pajé) desceram para o Xingu, porque êle disse que não precisava de tanta briga, que mais adiante também tinha muita terra boa. Vararam, então, para o Xingu e fizeram aldeia grande no Faré e Wawí, abaixo do Morená".

É esta a narração que conseguimos anotar sôbre a chegada dos Suiá às paragens do Xingu. O relato, de um modo geral, indica uma estada em regiões do noroeste, na periferia da mundurucânia e, possìvelmente, mais além, nas vizinhanças do Amazonas. A menção de "milho e mandioca que crescem dentro da água" pode ter um fundo real. Existem em terras amazônicas as chamadas roças, milho e mandioca da "vargem". Esta mandioca é de uma qualidade que amadurece em poucos meses e é plantada na "vargem"[6]. A expressão "mandioca... que cresce dentro da água" muito bem poderia referir-se a êste fato, desconhecido dos atuais Suiá, que, por isso, não sabem mais explicá-lo.

Outro indício da vinda dos Suiá do noroeste é a menção dos Kupé Saká e dos Kupé Krürü. Kupé Saká quer dizer Gente Ruim, Gente Braba e Kupé Krürü Gente da Faca. Estranhamente, os primeiros são tidos co-

mo possíveis Mundurukú ("... que diz que é Mundurukú"), embora o nome Kupé Krürü talvez lhes coubesse com mais razão, já que eram conhecidos entre os grupos da Tapajônia e vizinhos como "pai kicé" no mesmo sentido de "Pais da Faca". Ter-se-ia deturpado a tradição com o tempo no tocante à identificação dos Mundurukú, dada, aliás, como apenas provável?[7].

Concorda com êste itinerário também a menção dos Kreãkóre, situados nas regiões entre a Serra do Cachimbo e os respectivos afluentes do Teles Pires, especialmente o rio Peixoto Azevedo. Podemos, assim, indicar, aproximadamente, o ponto das vizinhanças da Tapajônia de onde saíram os Suiá para estabelecer-se definitivamente na bacia do Xingu.

Enquadra-se aqui uma notícia colhida à parte, a respeito de uma cisão. Referem os Suiá que, depois dos encontros com os grupos guerreiros da mundurucânia, parte de sua gente se dirigiu "para os rios daquele lado", isto é, o alto Tapajós, enquanto êles vieram para cá. De fato, existe ainda hoje um grupo possìvelmente Suiá nas regiões do rio Verde, conhecido pelo nome de "Beiços de Pau". Segundo os índios Kayabí do Xingu, que outrora tiveram contactos com êles, a língua e uma série de costumes seriam idênticos aos dos Suiá do Paranajuba. Uma cisão, de fato, explicaria razoàvelmente a existência de dois grupos Suiá em lugares distanciados e os motivos da migração de um dêles para a região do Xingu. Os Kreãkóre seriam o marco do desmembramento para o Xingu.

Também a entrada dos Suiá na xinguânia pelo lado oeste, por um afluente do Ronuru, bem como as primeiras aldeias fixas no Faré e no Wawí indicam a sua caminhada pelas terras intermediárias entre o Tapajós e o Xingu, talvez pelas cabeceiras do Iriri. Às vêzes tem-se a impressão que os Suiá conheceram vários trechos do médio Xingu, ainda que só de passagem. Um conhecimento relativamente bom das serras da região, que mais tarde lhes serviriam de "pedreiras" e onde iriam buscar a matéria prima para a fabricação de objetos líticos (do atual Porori para baixo), justifica esta suposição. No Iriri habita hoje um grupo Kayapó, os Metuktíre. Os Txukahamãi, Kayapó da região do Porori, designam os Suiá como Kruatí ou Kruatíre (Flechas Grandes), insinuando por outro lado serem os Kruatí um ramo dos Metuktí (*sic!*), o que indicaria novamente as terras do Iriri como um dos pontos de antiga migração Suiá. Não sabemos em que medida êstes indícios e conjeturas correspondem aos fatos. Mas de qualquer modo não parece haver dúvida de que, visto o atual hábitat dos Suiá no Paranajuba, o rumo noroeste indica a sua procedência.

Queremos mencionar ainda que, segundo tradição colhida por Cláudio Vilas Boas[8] de um velho Suiá, há muito falecido, originàriamente os Suiá moravam bem ao leste do Xingu. Calcula Cláudio que habitavam as ime-

diações do rio Tocantins. Entretanto, os atuais Suiá parecem desconhecer esta tradição e afirmam ignorar o assunto. A procedência leste, todavia, não seria impossível, visto que em geral se supõe estar o ponto de difusão das tribos jê na Amazônia, situado a leste do Tocantins. Liga-se a informação do Cláudio à opinião de von den Steinen (1940:501). Acreditava êste autor igualmente serem os Suiá oriundos de leste e que na época de sua visita (1884) haviam chegado dos rios Verde e Arinos, num movimento de regresso rumo leste. Escreve: "Deveriam, por conseguinte, — já que podemos tomar como certa a sua origem oriental —, ter atravessado o Xingu e o Paranatinga em direção do oeste, operando, em seguida, um retrocesso" (1940:501). Mas, como já dissemos, os atuais Suiá nada sabem de uma travessia, nem de uma estada de seu grupo nos rios Arinos ou Verde. Mencionam sòmente a sua vinda pelo noroeste e que seu grupo, depois da cisão, atingiu as águas do Ronuru. Embora também admitamos, bàsicamente, uma "origem oriental" dos Suiá e um itinerário leste-oeste, não achamos de todo concludente a dedução de von den Steinen quanto à marcha direta dos Suiá de leste a oeste via Xingu-Paranatinga, pois seria de estranhar que a tradição Suiá tivesse falhado inteiramente em pontos tão importantes como o seriam a travessia pelo Xingu até o Paranatinga ou os rios Verde-Arinos e os primeiros contactos com os grupos xinguanos, nessa ocasião. Ademais, com uma rota direta leste-oeste não se coadunam bem o conhecimento dos Kupé Saká, Kupé Krürü e Kreãkóre, nem as lutas com estas tribos, mencionadas sempre na mesma seqüência geográfica, de norte a sul; explicam-se melhor por um movimento migratório em forma de curva fechada como limite extremo oeste as cabeceiras dos afluentes direitos do rio Teles Pires. Diante disso cabe a pergunta ou a dúvida se os Suiá do Rio Verde a que se refere von den Steinen (1940:501) são realmente os atuais Suiá ou talvez o outro grupo jè, supostamente Suiá (?), os chamados Beiços de Pau. É interessante observar que, até a chegada dos Kayabí ao (então) Parque Nacional do Xingu, os Suiá como que ignoravam a existência dos Beiços de Pau, sinal de que depois da cisão os dois grupos (no caso de origem comum) perderam por completo o contacto entre si. A memória de um grupo irmão dissidente fixou-se, para os Suiá, na expressão generalizada de morarem êles nos "rios daquele lado", isto é, nos altos rios da Tapajônia.

Voltemos, porém, às migrações posteriores à chegada dos Suiá a terras do alto Xingu e que podemos chamar suas "migrações xinguanas". Nelas podemos divisar três etapas, teòricamente ou, talvez melhor, geogràficamente; pois na realidade, não há em sua seqüência interrupção notável. Trata-se da sua estada na área do Ronuru, do Xingu pròpriamente dito e do Suiá-miçu.

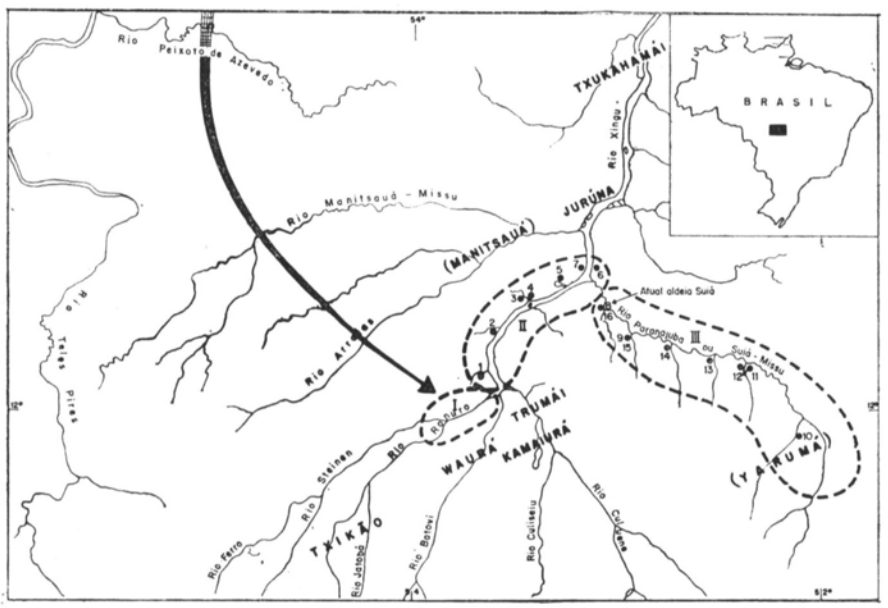


Fig. 1 — *Migrações Suiá*

A flecha indica o rumo da imigração na área xinguana, segundo a tradição Suiá.

I. Estágio no Ronuro.

II. Estágio no Xingu. 1. Metiiktitó (Faré). 2. Ngôtiré (Wawí). 3. Tepsoatiyangô. 4. Akrutiyangô. 5. Ndôkeretó. 6. Fuinkotí. (Diauarum). 7. Monã.

III. Estágio no Suiá-miçu. (Paranajuba). 8. Yamurekumã. 9. Wawí. 10. Horêyangô. 11. Ngôsakatí. 12. Ngôtiré. 13. Nyôparifinré. 14. Ngôkatotí. 15. Wawí (Sokintí). 16. Yamurekumã.

a) *Estágio no Ronuru*

Diz a tradição Suiá que seus antepassados, ao atingirem as águas do Ronuru e de seus afluentes, tentaram fixar-se na região e fazer ali suas aldeias, mas não conseguiram conservá-las devido às constantes hostilidades recíprocas com os grupos ali já existentes. Os Suiá referem-se a essa época como cheia de inquietudes e imprevistos. É compreensível: êles, como intrusos na região, não eram bem vistos. Ao contrário, foram combatidos como elementos estranhos ao ambiente e êles, por sua vez, atacavam e se vingavam. Mas, apesar de constantes hostilidades, não faltaram períodos de convivência calma, principalmente em bases comerciais. Todavia, os Suiá recordam êsse tempo como época em que êles, provocando ou provocados, sempre estavam "em guerra" com alguém. Possuíam, entretanto, sua política guerreira. Enquanto houvesse hostilidades contra um grupo, procuravam manter boas relações com os outros para não enfrentar muitos inimigos ao mesmo tempo. É difícil fixar a extensão temporal dessa época. Mas a estada dos Suiá no Ronuru e em seus afluentes não pode ter sido muito longa, pois deixou apenas poucos e fracos traços na tradição do grupo. Por motivos que adiante veremos, colocaríamos a permanência dos Suiá no Ronuru na primeira metade do século passado.

Embora a memória tribal Suiá não indique, pormenorizadamente, nomes de igarapés ou lugares de aldeamentos no rio Ronuru, que possibilitem precisar o território ocupado na região, podemos, todavia, delimitar a área de seu antigo hábitat por meio de dedução. Afirmam os atuais Suiá que seus ancestrais nunca habitaram os altos rios formadores ou as cabeceiras do Xingu, asserção negativa que permite uma inversão positiva, dando lugar à idéia de terem êles habitado o baixo Ronuru. E isto parece aceitável, porque o alto Ronuro e os rios vizinhos, especialmente o Jatobá e o Batovi, eram ocupados, na época, por grupos arredios, entre êles os atuais Txikão, que lhes parecem ter estado mais próximos e com os quais, segundo a tradição, houve lutas e brigas.

Outrossim, a tradição sempre menciona como vizinhos e adversários dos Suiá os Waurá, os Kamaiurá e os Trumái (além dos já referidos Txikão). Quanto à situação geográfica destas tribos no século passado, temos os Txikão no alto Jatobá-Ronuru, os Waurá no baixo Batovi, os Kamaiurá na mesma região de hoje, no lago Ipavu e terras anexas, e os Trumái no baixo Kuluene. Estendiam-se estas tribos, qual barreira, sôbre os cursos inferiores dos formadores do Xingu, isolando de certa forma, os Suiá, e vedando-lhes o acesso às regiões do sul. (V. mapa). Explica-se assim que as guerras Suiá (pelo que nos consta) nunca atingiram diretamente os grupos moradores dos altos rios (Bakairí, Meináku, Kalapálo, etc.). É porque, como já ficou dito, entre êstes e aquêles se achava essa faixa de

tribos mais próximas aos Suiá, servindo de para-choque para as dos altos rios. Os Suiá, portanto, ficaram sempre marginais à área xinguana pròpriamente dita e nunca penetraram, como grupo, no âmago dela. Achamos assim razoável indicar como hábitat dos Suiá daquela primeira fase xinguana o baixo Ronuru, compreendido entre a sua foz, ou seja entre a junção com o Culuene, e o Rio Steinen, mais ou menos.

Sua saída do Ronuru parece ligar-se, talvez até como conseqüência, a um episódio que se destaca na memória tribal daquele tempo: a luta com os Trumái e a dizimação dêstes pelos Suiá, derrota da qual os Trumái nunca se refizeram totalmente, mas que também aos Suiá custou uma série de baixas. Essa quase-destruição dos Trumái, como conclui das conexões, alertou os grupos xinguanos, e devido à subseqüente pressão, exercida por êles, os Suiá preferiram abandonar o Ronuru ou, mais corretamente, êstes se viram obrigados a sair da região dos formadores do Xingu. A tradição Suiá, naturalmente, dá a êstes acontecimentos uma versão mais suave. Menciona nesta altura, como elementos convincente e pacificador, a atuação de um "wayangá", pajé da tribo, o qual aconselhara o abandono da região, dizendo que não só ali se podia viver e "que mais embaixo também tinha muita terra boa". Sem dúvida, os Suiá já conheciam estas terras por suas viagens comerciais e, principalmente, por suas andanças em procura de caça, produtos de coleta e material para os objetos líticos que fabricavam.

b) *Estágio no Xingu*

Saindo do Ronuru, os Suiá passaram pelo Morená, local e cachoeira situados logo abaixo da confluência do Ronuru com o Culuene, o "Koblenz" de von den Steinen. Estabeleceram-se num igarapé de nome Faré, constituindo sua aldeia à beira de um lago um pouco afastado do rio grande. Posteriormente se tornou conhecida por Metüktitó, nome que indica grande luto, porque "ali morreram todos". A êste nome liga-se uma das mais tristes recordações da história Suiá. O resto dos Trumái se refugiara, em parte com os Awetí, em parte com os Kamayurá, grupos com que, na época, eram ligados por laços de amizade, comércio e, parece, também por intercasamentos. Instigados pelos Trumái, os Kamayurá baixaram até Metüktitó. Houve uma "grande luta" entre os Kamayurá e Suiá que resultou afinal na extinção de grande parte do próprio grupo Suiá. Êstes, pràticamente, saíram vencedores, mas devem ter contraído, na ocasião, uma doença epidêmica que lhes ceifou muitas vidas. Explicam o fato como grande feitiço que, cessada a luta, os Kamayurá enfraquecidos lançaram contra êles.

Depois dessas perdas muito sensíveis, os Suiá resolveram abandonar Metüktitó e mudar a aldeia Xingu abaixo. Estabeleceram-se em outro igarapé, também afluente esquerdo do Xingu, de nome Wawí. Também essa aldeia, Ngôtiré (Água Grande) foi localizada a alguma distância do

rio. Da estada no Ngôtiré não se mencionam lutas ou outros acontecimentos. Todavia, depois de certo tempo, os Suiá mudaram-se, descendo mais o rio Xingu. Por motivo não mencionado, resolveram separar-se e fazer duas aldeias, Akrutiyangô e Tepsoatiyangô[9]. A primeira ficava num local hoje conhecido por Barreira do Yawalapiti, perto de uma ilhota de idêntico nome. A segunda foi construída à beira de um lago, mas perto do Xingu. Nestes locais tornaram a ter contacto com os Trumái, em especial os de Akrutiyangô. Contam os Suiá que os Trumái não vieram hostilizá-los abertamente. Mas êles desconfiaram e sempre que os Trumái queriam encostar as canoas, as empurravam de volta para a correnteza, impedindo o desembarque. Os Trumái, finalmente, se enfureceram e houve, mais uma vez, escaramuças, alguns feridos e mortos.

Devido a êste desentendimento com os Trumái, receiando novas hostilidades, os Suiá abandonaram a Barreira do Yawa'apití, desceram o Xingu e foram morar num lago de nome Ndôkeretó, ainda hoje conhecido por Lago dos Suiá, numa região atualmente habitada pelos Kayabí (do grupo do Prepori). O Ndôkeretó forma, no verão, dois lagos, separados por um lombo de terra. A antiga aldeia ficava no fim do segundo lago, perto de uma grande praia. Ali os Kayabí encontraram ainda, não faz muito tempo, dentro da água uma canoa já velha e podre com uma panela de urucu, e também um pilão. Estabelecendo-se em Ndôkeretó, o grupo se uniu novamente para formar uma só aldeia. Não se mencionam lutas nesse lugar, mas é de se supor que as tenha havido, pois os Suiá mudavam suas aldeias quase sempre em conseqüência de lutas e mortes. Seja como fôr, passado algum tempo, os Suiá transferiram-se ainda mais rio abaixo para um local de nome Fuinkotí (Casca de pau, grande), hoje mais conhecido por D'auarum, onde funciona o Pôsto de Contenção do extinto Parque Nacional do Xingu[10]. Foi êste, ao que nos consta, o ponto mais setentrional de aldeamentos Suiá no ambiente alto-xinguano. Suas explorações, naturalmente, estendiam-se muito mais rio abaixo, para o norte, como atesta também von den Steinen, (1942:259 s.). E a própria tradição Suiá diz que conheciam as serras, abaixo das grandes cachoeiras, onde iam buscar a matéria prima para os objetos líticos. Nessas viagens devem ter tido os primeiros contactos com os índios Jurúna, que habitavam, na época, a área abaixo das cataratas de Martius. Possìvelmente conheceram aí também os Txukahamãi-Kayapó, que, na mesma época, começaram a ocupar as mesmas terras, pressionando os Jurúna para se mudarem para o sul, isto é, rio acima, entrando assim, mais tarde, em conflito com os Suiá.

Em todo o caso, depois de algum tempo, a permanência dos Suiá em Diauarum foi perturbada. Primeiramente pelos Manitsauá[11], que vieram de seu rio, o atual Manitsauá-miçu, afluente esquerdo do Xingu, para hostilizá-los. Isto deve ter acontecido antes de 1884, pois von den Steinen encontrou naquele ano "dez prisioneiros Manitsauá" na aldeia Suiá (1942:

250). Embora a luta fôsse renhida e houvesse mortes, ainda hoje os Suiá protestam enèrgicamente contra a insinuação de terem sido êles os responsáveis pela extinção dos Manitsauá. Conta a tradição Suiá que na ocasião dos ataques mataram alguns e ficaram com algumas mulheres e crianças e que, mais tarde, até se deram bem com os Manitsauá, havendo intercasamentos entre êstes e Suiá, cuja descendência, em parte, de fato, ainda existe. Refere a mesma tradição que os Manitsauá se acabaram por doenças e epidemias, que apanharam, provàvelmente, em contacto com os Jurúna.

Mais tarde, os Suiá novamente foram atacados, desta vez pelos Jurúna, que subiram o rio até Diauarum. Ao que tudo indica, o ataque dos Jurúna veio um tanto inesperado e violento. Houve perdas em ambos os lados. Os Jurúna pegaram várias mulheres e crianças, levando-as para suas aldeias. A violência dêste ataque pode se deduzir do fato de os Suiá terem entrado em pânico. Precipitadamente abandonaram Diauarum e voltaram para o lugar da aldeia anteriormente deixada em Tepsoatiyangô, perto da Barreira do Yawalapití. Sua demora ali, porém, foi muito curta. A proximidade dos Trumái e Kamayurá, que estendiam suas excursões de pesca até o Morená e mais para baixo, os incomodava bastante. A conselho do "wayangá" do grupo (do mesmo já anteriormente mencionado?), os Suiá mudaram-se novamente para o Diauarum. Tiveram aí os primeiros encontros e uma visita mais demorada dos Yarumá. Êstes, chegando a Diauarum, foram bem recebidos; fizeram-se até festas em comum. Todavia, houve certo estremecimento entre os dois grupos e uma pequena briga. O motivo foi dado por um pajé Yarumá que, por qualquer razão, danificou ou até destruiu uma canoa Suiá. Do bate-bôca resultou uma briga com pancadaria, mas não houve mortes. Os Yarumá foram embora, porém mais tarde os grupos tornaram a entender-se e o assunto ficou esquecido. Segundo os Suiá nunca houve hostilidades sérias entre êles e os Yarumá. "Só as briguinhas de costume!". Dos ataques contra os Yarumá, mencionados por von den Steinen (1940:149), a tradição Suiá nada recorda[12].

De maior importância foi outro acontecimento: surgem, pela primeira vez, na história guerreira dos Suiá, os Txukahamãi. Êstes subiram o Xingu, atacaram os Suiá e infligiram-lhes uma série de baixas. Os motivos dêstes ataques nunca foram explicados. Todavia, os Suiá resolveram mudar-se, desta vez para o Lago Monã, no lado esquerdo do rio, defronte ao Diauarum, mas para o interior. Atualmente o local é habitado por um grupo Kayabí[13].

Entretanto, também ali, no Monã, os Suiá não encontraram paz. Apareceram novamente os Jurúna para lhes dar combate. O resultado foi o de sempre: feridos e mortos de ambos os lados, e raptos de crianças e mulheres.

Por causa da constante insegurança, os Suiá resolveram retirar-se, definitivamente, do "Rio Grande", que é o Xingu, e isolar-se na região do Paranajuba, terras adentro. De fato, nunca mais sairam dali. Os Trumái, dessa época em diante, chamavam o rio, por se ter tornado hábitat dos Suiá, de Suiá-miçu, Rio dos Suiá. O nome aparece freqüentemente nos mapas da região.

c) *Estágio no Suiá-miçu*

Entram, agora, os Suiá, em sua última fase migratória dentro do ambiente do Suiá-miçu, que hoje consideram seu rio.

Deixando Fuinkotí, o atual Diauarum, e entrando no Suiá-miçu, estabeleceram-se no local em que moram atualmente, Yamurekumã. Mas sua permanência ali não foi muito prolongada, devido à praga do carapanã. Outrossim, chegaram-lhes rumores de uma expedição guerreira dos Waurá e Kamayurá contra êles. Retiraram-se, então, mais para rio acima[14], construindo nova aldeia no igarapé Wawí, afluente esquerdo do Suiá-miçu, à distância de mais de um dia, a remo.

Foi aí, no Wawí, que se deu a maior derrota dos Suiá. Durante a sua estada no local subiram os Jurúna para vingar-se das baixas sofridas no Diauarum e Monã e para raptar novamente crianças e mulheres[15]. A fim de assegurar a vitória, os Jurúna trouxeram vários seringueiros que possuíam espingardas e rifles e que, de fato, arrasaram os Suiá. Segundo sua tradição, o grupo ficou reduzido a poucas famílias e chegou ao seu nível populacional mais baixo. Os Suiá, pràticamente, estavam a ponto de extinguir-se[16].

Para ficarem a boa distância dos outros grupos, os sobreviventes, subindo para a região do alto Suiá-miçu, fizeram aldeia no igarapé Horêyangô. Mais para o lado das cabeceiras dêste córrego moravam os Yarumá. Sem dúvida, os Suiá restantes tencionavam grangear certo apoio dos Yarumá, pois embora tivesse havido os estremecimentos já mencionados, os dois grupos não eram pròpriamente inimigos. Isto se refletiu também em Horêyangô, na chegada dos Suiá. As aldeias dos dois grupos ficaram separadas. Não houve hostilidades, mas simplesmente um ambiente de mútua desconfiança e observação. Assim viveram, por algum tempo, lado a lado.

As condições, porém, mudaram por completo com o aniquilamento dos Yarumá. Existia uma ligação por terra, da cabeceira do Suiá-miçu com o alto Xingu (Culuene). Por êste caminho vieram os Kuikúru, arrasando os Yarumá, cujos restos, em fuga, se uniram aos Suiá e se tornaram, como veremos, o elemento básico para a sua reconstituição e sobrevivência.

Durante a sua permanência em Horêyangô, os Suiá fizeram várias excursões pelas terras vizinhas. Numa delas encontraram-se com os Xa-

vánte. Viram numa roça uma mu'her com seu filho, tirando tubérculos. Mataram a mulher e raptaram o filho, que foi criado por êles. Descendentes êstes Xavánte vivem ainda entre os Suiá.

Ocorreu, nessa mesma época, ainda um fato digno de menção devido às conseqüências. Por motivos não mencionados, os Suiá, já em fusão incipiente com os Yarumá, encetaram com êstes uma expedição guerreira contra os Trumái, Kamayurá e Waurá e, conforme contam, com muito êxito. Depois da volta, os Suiá abandonaram Horêyangô, desceram mais o Suiá-miçu e foram morar no igarapé Ngôsakatí (Água muito ruim, Rio muito brabo). Houve ali, conforme a tradição, uma cisão temporária entre os Suiá, provocada, talvez, pelo número relativamente grande dos Yarumá ou pela falta de adaptação mútua. Em todo o caso, o grupo se dividiu e parte dêle fêz aldeia rio mais embaixo, em Ngôtiré (Água Grande, Igarapé Grande). Entretanto, a aldeia existiu só por pouco tempo; os moradores voltaram para Ngôsakatí, reunindo-se aos outros.

A estada dos Suiá em Ngôsakatí é marcada por dois fatos. Encontraram-se com um grupo de índios desconhecidos que denominaram Kupé Fuiní ou também Awaikü (Awaiküre). Contam que êstes se pintavam inteiramente de urucu e traziam o cabe'o cortado à maneira dos Trumái. Os seus caminhos e estradas eram quebrados à mão, e para fazer suas roças usavam machados de pedra[17].

De maior importância para êles, entretanto, foi uma expedição guerreira dos Waurá, Trumái e Kamayurá contra êles[18]. É, aliás, para a região xinguana um dos poucos casos conhecidos de aliança guerreira entre grupos diversos para fins de agressão em conjunto. Os Suiá, porém, conseguiram repelir os ataques, feitos em represália da expedição Suiá-Yarumá do Horêyangô. Referem os Suiá que nessa "guerra" perderam um único homem, embora vários fôssem feridos. Outrossim, resultou a vitória Suiá na captura de três irmãos. Pentotí, o falecido chefe dos Suiá, capturou uma jovem Waurá, posteriormente denominada Gaisó, com a qual veio a casar-se. Wêkmére aprisionou Dyaratü, irmã daquela. Êle por sua vez se casou com esta mu'her. E Matí, avô do atual chefe Kyusí, prendeu o menino Petí, que êle criou, irmão das duas moças[19]. Os três continuam vivos e, como nos disseram, nunca tiveram vontade de abandonar os Suiá ou de regressar para a tribo em que nasceram.

Depois dêstes acontecimentos, os Suiá foram residir no igarapé Nyôparifiré. Houve a'i uma visita pacífica, em bases comerciais, dos Txukahamãi e de alguns Manitsauá e a subseqüente incorporação das duas irmãs Soksô e Nipá, mulheres Txukahamãi que ali se casaram com homens Suiá. Am-

bas deixaram descendência e Soksô, hoje velha, está viva ainda. Em Nyôparifiré, os Suiá gozaram de um época de paz, sem lutas e, segundo a sua expressão, "ali nasceu muita gente". Como razão do posterior abandono da aldeia indicaram a excessiva praga de carapanãs, que ninguém podia mais aguentar.

A seguinte estação foi o igarapé Ngôkatotí. Durante a sua estada ali, subiram novamente os Jurúna para atacar os Suiá. Mas desta vez sem os seringueiros. Contam os Suiá que os Jurúna, nessa altura, já possuíam algumas espingardas e rifles, mas tinham pouca munição. Quando os Suiá ouviram as detonações, julgavam que fôssem os seringueiros que novamente tinham vindo. Todos fugiram para a mata. Mais tarde, os homens voltaram para verificar e investigar. Vendo que os Jurúna estavam sós, e percebendo que já tinham gasto a munição, os Suiá os cercaram e lhes infligiram uma baixa em regra. Desde então, dizem os Suiá, os Jurúna nunca mais voltaram.

Novamente os Suiá se mudaram, voltando para perto do antigo local no igarapé Wawí, morando em Sokintí. Foi ali que os irmãos Vilas Boas os encontraram, em 1961. Êles presuadiram os Suiá a localizar-se mais perto do "Pôsto Diauarum". Atendendo ao pedido, fiando-se nas garantias de paz oferecidas pelos Vilas Boas, trasladaram-se (em 1962) para o ponto de sua primeira estada no Suiá-miçu, o Yamurekumã, onde fizeram aldeia e onde permanecem hoje. Todavia, devido a vários fatôres, entre outros, a certa tensão dentro do próprio grupo, pretendem fazer uma segunda aldeia rio acima, num local chamado Wenditáma, onde o grupo a dissidir já fêz as roças necessárias. O futuro próximo mostrará se isto resultará em verdadeira cisão ou em simples divisão de grupos familiais com coexistência (pacífica) em lugares separados (a exemplo de Tepsoatiyangô-Akrutiyangô, no Xingu, ou Ngôsakatí-Ngôtiré, no Suiá-miçu), numa divisão talvez só provisória ou temporária, até a tensão interna ceder. Pelos indícios, é mais provável esta última alternativa.

Depois dêste relato das migrações Suiá, tentaremos agora, uma datação aproximada dos acontecimentos com vistas a alguns corolários que nos parecem de importância para o tema.

Dos dados de nossas pesquisas entre os Suiá fazem parte certos levantamentos estatísticos, inclusive o da idade dos componentes do grupo, em faixas etárias de 5 anos. Tomando por base esta estatística e combinando-a com os lugares de nascimento dos vários indivíduos, poderemos calcular, aproximadamente, a permanência do grupo naqueles lugares. O quadro que se obtém é o seguinte:

Faixa de idade[20]	Aldeia de nascimento:	Década de permanência:
1-10	Yamurekumã (Diauarum)[21]	1962-1967
	Wawí (Sokintí)	1961-1962
11-25	Ngôkatotí	1940-1960
26-35	Nyôparifiré	1930-1940
36-40	Ngôsakatí (Ngôtiré)	1925-1930
41-50	Horêyangô	1915-1925
51-60	Wawí (subida)[22]	1905-1915
	Yamurekumã (subida)	antes de 1905

Resulta daí que os Suiá entraram no rio Paranajuba nos primeiros anos dêste século ou na última década do século passado, o que corresponde, mais ou menos, aos poucos dados de von den Steinen e Ehrenreich, que mencionam os Suiá em 1884 e 1887, respectivamente, na foz do Suiá-miçu. Estendendo mais êste cálculo, e tirando uma média (teórica) da permanência nos locais das aldeias do Suiá-miçu dentro do espaço conhecido (supra), vemos que os Suiá mudaram as suas aldeias de 8 em 8 anos, aproximadamente[23]. Se aplicamos esta cifra às aldeias da segunda fase migratória no Xingu, encontramos para sua saída do Ronuru ou, respectivamente, sua entrada no Xingu, a década de 1850-1860[24]. Êste cálculo, embora teórico, encontra apoio mais concreto numa informação que Cláudio Vilas Boas nos forneceu. Conheceu êle, pelos anos de 1940 a 1945, um velho Suiá que tinha uns 80 anos ou pouco mais de idade. Êle narrou a Cláudio que os Suiá abandonaram o Ronuru quando era meninote ainda. Descontando-se a idade do velho da época da informação dada, chega-se novamente aos anos de 1860, aproximadamente. Outrossim, visto que, segundo sua tradição, os Suiá não conseguiram manter aldeias fixas no Ronuru, levando ao contrário, uma vida assás inconstante, cremos que sua estada ali foi ainda menos demorada, embora não seja bem calculável. Em todo caso podemos apontar, à base destas conjeturas, valores aproximados:

estada no Suiá-miçu	(aprox.) década de	1890/1900	— 1967
estada no Xingu	(aprox.) década de	1850/1860	— 1890/1900
estada no Ronuru	antes de	1850/1860	

Em nossa opinião, isto quer dizer que os Suiá imigraram na área estritamente alto-xinguana (do Ronuru) há uns cento e poucos anos, não antes de começos do século passado. Uma datação anterior a esta perece-nos pouco provável.

Fatos importantes evidenciados pela história Suiá são a motivação e o processamento das migrações, como também o rumo destas. Verifica-se que as migrações Suiá não resultaram diretamente de uma tendência inata ou inerente ao grupo, devido às condições de caçadores-coletores (aspectos cuja influência, todavia, não queremos negar, nem excluir, totalmente),

nem de iniciativas por livre e espontânea vontade, mas foram impostas pela pressão dos grupos vizinhos. Imigrando nas terras do Ronuru os Suiá foram sentidos e considerados pelos xinguanos, de nível cultural já mais ou menos homogêneo, como horda marginal de bárbaros e selvagens. E foram rejeitados de antemão. Os Suiá, por sua vez, também queriam seu lugar ao sol — e lutavam. A tradição menciona como adversários principais na área os Waurá, os Trumái e os Kamayurá. Os Suiá, sem dúvida alguma, já por índole não eram muito pacíficos. Assim, uma provocação puxava outra, um ataque resultava em vingança e contra-ataque. Devido a êsses desentendimentos com os grupos xinguanos, a animosidade recíproca tornou-se aguda, especialmente após a destruição dos Trumái pelos Suiá, que alertou os xinguanos. A situação dos Suiá começou a tornar-se um tanto crítica e êles, por fôrça das circunstâncias, viram-se obrigados a abandonar a região do Ronuru. Mas para onde ir? De volta para as terras dos Kreãkóre, Kupé Krürü ou Kupé Saká, com os quais tinham tido encontros sangrentos, não era bem possível. Por outro lado, as terras dos formadores do Xingu estavam-lhes vedadas pelos grupos ali residentes, hostilizados por êles. Para escapar da pressão xinguana, restava-lhes como única saída o Xingu, que, abaixo da confluência Ronuru-Culuene até as grandes cachoeiras (de Martius) e as serras do atual Pororí (excetuando-se os Manitsauá), estava pràticamente desabitado, uma terra sem gente. A evasão dos Suiá para o Xingu foi, portanto, uma alternativa imposta pelas circunstâncias, a que não podiam fugir sem arriscar-se a serem dizimados.

Meio século depois deu-se uma situação bem semelhante com a ocupação do rio Suiá-miçu ou Paranajuba. Tinha-se formado, entrementes, um verdadeiro cêrco, pois, além das tribos xinguanas, entraram em jôgo grupos com os quais, anteriormente, não haviam tido contactos diretos, como, por exemplo, com os Manitsauá ou, ainda, os Jurúna e os Txukahamãi-Kayapó, que naquela época começaram a ocupar as mesmas terras. Os Suiá viram-se, pois, bastante acossados no Xingu. Deve-se compreender bem a sua situação no fim dessa segunda fase migratória: do sul foram pressionados e atacados (muitas vêzes em represálias) pelos Trumái, Waurá e Kamayurá, do noroeste pelos Manitsauá, do norte pelos Jurúna e Txukahamãi. Sentindo que não podiam resistir, efetivamente e por muito tempo a essa pressão múltipla, preferiram, como última alternativa, abandonar o "Rio Grande" e embrenhar-se no Paranajuba, rio quase desabitado. Em suas cabeceiras existiam sòmente os Yarumá, grupo numèricamente não muito forte e, descontando uns pequenos estremecimentos havidos, não diretamente hostil. Um ambiente, portanto, com possibilidades de convivência mais ou menos pacífica. Com isso, os Suiá queriam ficar longe dos outros grupos e iniciar uma tática de isolamento. Mesmo assim, em seu retiro, foram procurados pelos inimigos, aos quais se juntaram até os seringueiros.

As migrações xinguanas dos Suiá, portanto, não devem ser compreendidas unilateralmente como resultado da animosidade e do espírito guerreiro de um só grupo de caráter irrequieto ou belicoso, mas sim pelo conjunto das circunstâncias etnográficas da área. E embora os Suiá tivessem criado fama péssima e pavorosa no alto Xingu, o terror da época, de fato e no fim de tudo foram êles os encurralados, acossados e enxotados.

2. *Reconstituição do Grupo*

Após a chegada dos Suiá do alto Xingu, deu-se entre êles uma série de mudanças. Tinham de adaptar-se ao nôvo ambiente ecológico, o que, em certos casos, resultou em mudanças no uso de material para a confecção dos objetos costumeiros. Sofreram pelos contactos estabelecidos com os grupos vizinhos, fortes influências em sentido aculturativo, intertribal ou interxinguano, pois, como é sabido, os Suiá encontraram, não obstante a diversidade dos grupos ali existentes, uma área cultural em vias de se tornar homogênea. Êles mesmos, participando e integrando-se aos poucos neste processo de aculturação interindígena, chegaram a estabelecer um tipo de monopólio sôbre a fabricação e a exportação de fumo e de objetos líticos, mòrmente de machados; monopólio que lhes foi contestado e, em parte, arrebatado pelos Trumái, provável razão de suas constantes lutas com êles. O conjunto dêstes e de mais outros fatôres produziu entre os Suiá uma radical mudança de sua cultura originária, que, hoje, só se pode perceber por via de redução ou abstração: eliminando os elementos culturais aceitos no correr do tempo, identifica-se um fundo representativo de sua cultura primitiva.

Todavia, a mudança mais importante entre os Suiá deu-se com seus elementos humanos. Pelas contínuas guerras, o grupo, pouco a pouco, definhou e tornou-se pequeno. Sempre havia, pois, necessidade de "enxertá-lo" com outros elementos, visto serem reduzidas, numa comunidade pequena, as possibilidades de casamento e de procriação, devido ao inevitável estreitamento do parentesco. Os casamentos, então, tornaram-se difíceis. Necessitava-se de material humano para a sobrevivência do grupo. Revela-se uma situação que, instintivamente, se queria sanear pela incorporação de indivíduos de outros grupos ou até pela absorção de grupos inteiros. Como isto nem sempre se conseguia por via pacífica, raptavam-se especialmente crianças e jovens de ambos os sexos para oferecer maiores possibilidades de casamento à nova geração e, assim, renovar o sangue do grupo. Entre os Suiá, uma série de casos dêste tipo é patente. Seja dito, entre parentesis, que êste sistema de alcançar nôvo material humano por meio de rapto não se restringe aos Suiá, mas estende-se a quase todos os outros grupos xinguanos, que, em parte, estavam em situação semelhante, embora talvez não tão premente. Se nesses casos de rapto, a perda do ma-

terial humano não era compensado ou contrabalançado pelo fornecimento de elementos equivalentes pelo grupo raptor (como "pagamento" e "garantia de paz"), muitas vêzes surgia como conseqüência a vingança das famí ias atingidas, razão para novos ataques e represálias. Esta situação, reptimos, não era só dos Suiá, mas também de seus vizinhos, p. ex. dos Jurúna e Txukahamãi. Êstes igualmente, se enxertaram com uma série de elementos Suiá. Houve, neste sentido, perdas recíprocas para os grupos, que, porém, pelo sangue nôvo que entrou, redundou numa ajuda para a sobrevivência. Se, por um lado, pelas mortes havidas, o potencial dos homens guerreiros diminuiu, por outro a falha foi suprida pelos raptos e enxertos. As guerras xinguanas, em particular as dos Suiá, tiveram, pois, um certo efeito positivo para as tribos na medida em que preveniram a sua extinção. No caso em foco, os dos Suiá, veremos isto logo a seguir.

As lutas e guerras, travadas de forma contínua, custaram muito caro aos Suiá pela perda de grande parte de seus homens adultos, como pelo extravio de parte de suas mu'heres e cr'anças, raptadas ou mortas nas chacinas. Há duas gerações, o grupo ficou reduzidíssimo, restrito a poucas famílias. Todavia, os Suiá conseguiram refazer-se e, embora sacrificando com isso parte de sua organização social e de suas instituições, conseguiram sobreviver como grupo, num processo de adaptação assaz interessante.

Conseguimos levantar uma tabela da ascendência dos atuais Suiá, tipo "árvore genealógica", incluindo os principais parentescos extra-Suiá (v. tabela anexa). Juntamente com uma série de informação pessoais, ela revela vários fatos.

Primeiramente, que os Suiá, no correr dos últimos decênios, integraram no grupo elementos humanos de pelo menos 10 tribos diferentes: Yarumá (8 casos), Trumái (6 casos), Waurá (3 casos), Meináku (2 casos), Kalapálo (1 caso), Xavánte (1 caso), Txukahamãi (2 casos), Manitsauá (1 caso), Jurúna (3 casos) e recentemente Kayabí (2 casos) (25). Quase todos os e'ementos da última geração Suiá, de 30 anos para cá, são filhos ou netos daqueles indivíduos incorporados ao grupo. Nem por isso são considerados legítimos Suiá. Outrossim, resulta daí como uma das conclusões mais interesantes o fato de que os Suiá, biològicamente, em sua quase-totalidade, não são mais Suiá. O grupo mantém-se culturalmente Suiá, à base da língua e certas instituições especìficamente jê, conservadas.

Surge daí a pergunta pelo critério, ou seja, pelo mecanismo da incorporação ou integração tribal. Constatamos três modalidades para alguém nascer ou ser considerado legítimo Suiá, modalidades que também a tabela genealógica comprova.

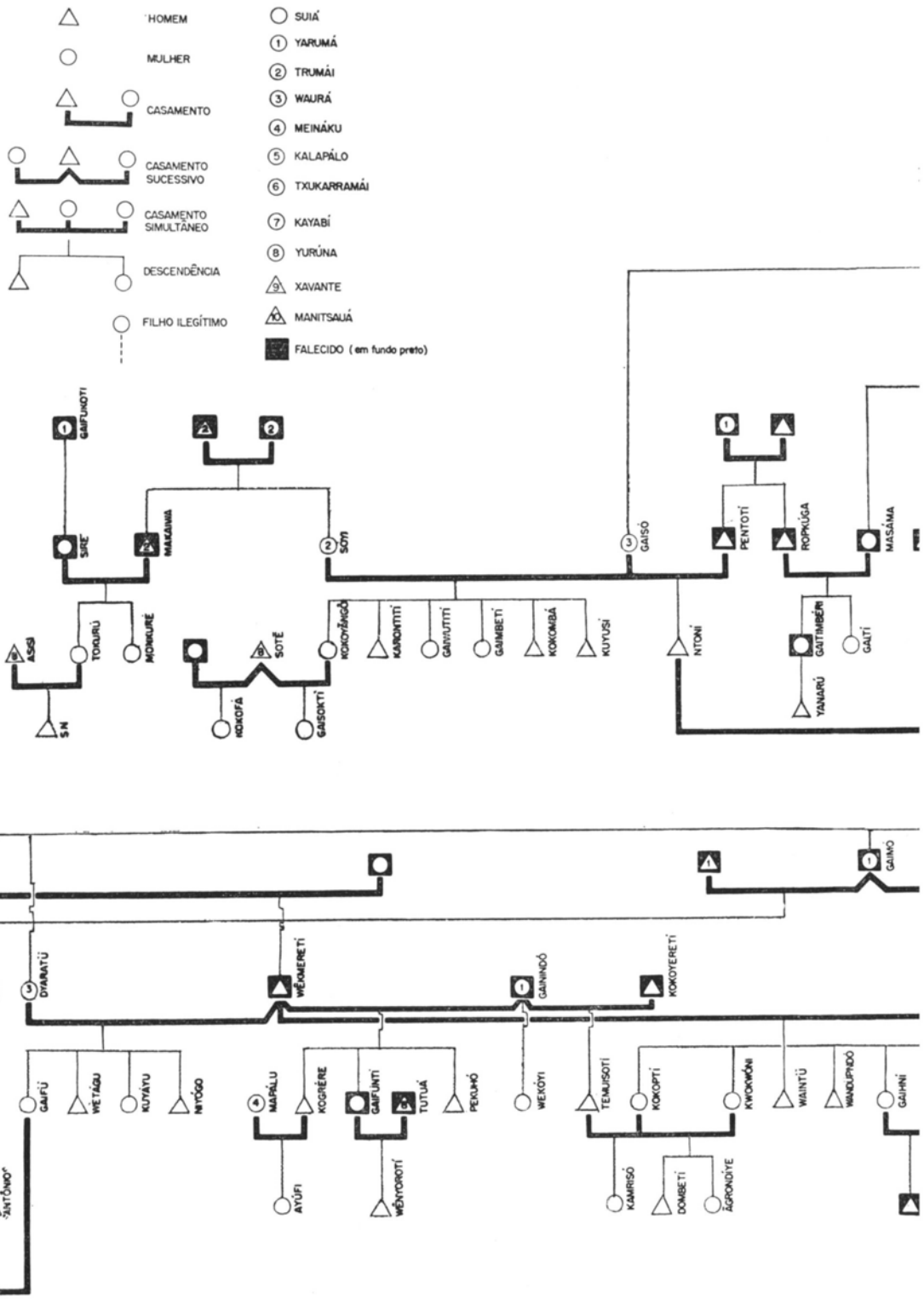
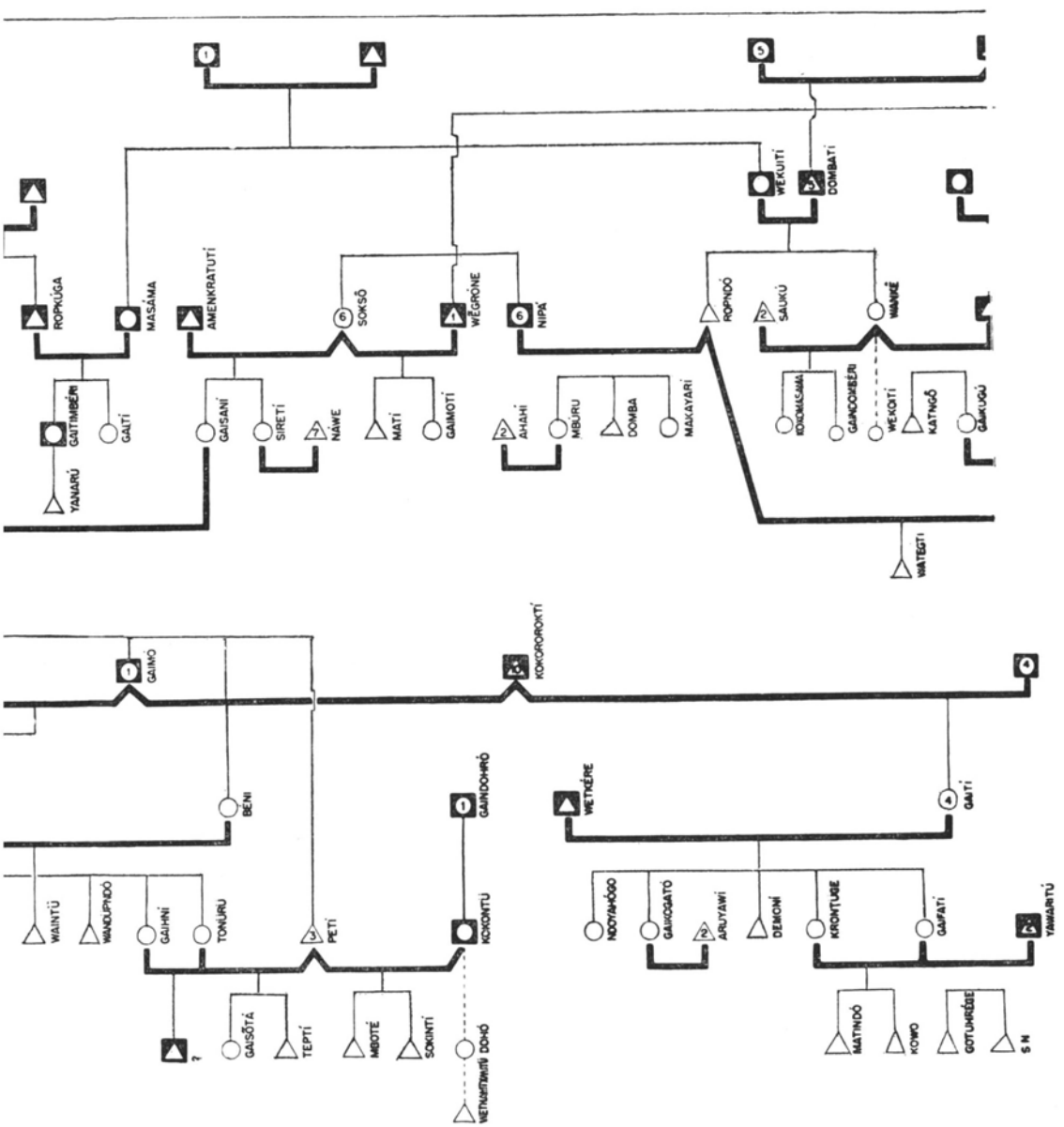

HOMEM
MULHER
CASAMENTO
CASAMENTO SUCESSIVO
CASAMENTO SIMULTÂNEO
DESCENDÊNCIA
FILHO ILEGÍTIMO
SUIÁ
1 YARUMÁ
2 TRUMÁI
3 WAURÁ
4 MEINÁKU
5 KALAPÁLO
6 TXUKARRAMÁI
7 KAYABÍ
8 YURÚNA
9 XAVANTE
10 MANITSAUÁ
FALECIDO (em fundo preto)
GAIFUKOTI
SIRE
MAKAIWA
SOYI
GAISÓ
PENTOTÍ
ROPKÚGA
MASÁMA
ASISI
TOKURÚ
MONKURÉ
SOTÊ
KOKOYÃNGÔ
KARONTITÍ
GAIVUTITÍ
GAIMBETÍ
KOKOMBÁ
KUYUSÍ
NTONÍ
GAITIMBÉRI
GAITÍ
YANARÚ
S.N.
KOKOFÁ
GAISOKTÍ
GAIMÓ
DYARATÚ
WÊKMERETÍ
GAININDÓ
KOKOYERETÍ
WANDUWUTI
GAIFÚ
WÊTÁGU
KUYÁYU
NIYÓGO
MAPÁLU
KOGRÊRE
GAIFUNTÍ
TUTUÁ
PEKUHÓ
WEKÓYI
TEMUISOTÍ
KOKOPTÍ
KWOKWÓNI
WAINTÚ
WANDUPINDÓ
GAIHNÍ
AYÚFI
WÊNYOROTÍ
KAMRISÓ
DOMBETÍ
ÃGRONDÍYE
S.N.

Fig. 2 — *Tabela genealógica Suiá*



a) *Integração por parte da mãe*

Êste caso se dá quando a mãe é Suiá. Em virtude da matrilinearidade existente, esta é considerada a maneira mais correta e mais legítima de integração tribal. O critério é aplicado também quando uma mulher Suiá é casada com um homem de outra tribo, vivendo (temporàriamente) fora do grupo. Os filhos sempre serão Suiá (caso: Monke, mulher Suiá, casada com Saukú, homem Trumái, morando atualmente rio abaixo; os filhos são Suiá).

b) *Integração por parte do pai*

Dá-se quando um homem Suiá se casa com mulher de outra tribo. Morando esta constantemente com o grupo do marido e nascendo os filhos dentro do grupo dêle, êstes são considerados legítimos Suiá (caso: Kogrére, homem Suiá, se casou com Mapa'u, mulher Meináku, morando ambos na aldeia Suiá; os filhos são Suiá).

c) *Integração por "adoção tribal"*

É o que se dá quando ambos, pai e mãe, não são Suiá e sim de grupos alheios. Vale aí o critério mencionado acima. Convivendo ambos constantemente com os Suiá e nascendo os filhos dentro do grupo, serão êles considerados legítimos Suiá (caso: Matí e Gaimotí são Suiá, embora a mãe, Soksô, seja Txukahamãe e o falecido pai, Wẽgrône, tenha sido Yarumá).

Como elemento constitutivo de integração tribal pode constatar-se, além da legítima matrilinearidade, a exigência de o indivíduo ter nascido dentro do grupo devido à constante convivência dos pais com a tribo, embora sendo um dêles, ou até ambos, de procedência alheia. Os que nasceram em outro grupo, embora criados desde pequenos na aldeia, não são considerados Suiá (caso: Petí, Gaisó e Dyaratü; são de procedência Waurá; raptados muito jovens, tornaram-se em tudo Suiá, mas sempre são dados como Waurá).

Entra aqui também a questão de indivíduos de "dupla nacionalidade", que se origina, na maioria das vêzes, pelo casamento de uma mulher Suiá (matrilinear) com um elemento masculino de um grupo patrilinear. Ex.: Tokúru é mulher Suiá; o marido, Asisí[26] é Jurúna. Os filhos dêles são considerados Suiá pelos Suiá (matrilineares), mas são tidos como Jurúna por causa do pai, visto os Jurúna serem patrilineares. Indivíduos de dupla tribalidade, normalmente, são bem recebidos em ambos os grupos, mas parecem não ter outras vantagens. Pràticamente, ou se tornam Suiá, ou membro do grupo paterno. Para alguns pode ser até desvantagem, pois não participam da vida de um grupo, nem do outro. Tornam-se tribalmente marginais, vivendo no Pôsto.

No correr do tempo, durante a sua estada em terras do Xingu, além das baixas menos sensíveis pelas escaramuças com seus vizinhos, os Suiá sofreram duas grandes derrotas. A primeira em Metüktitó, onde, conforme indicação dos Suiá, perece mais ou menos a metade da tribo, a segunda já no Suiá-miçu, durante a primeira estada no Wawí, quando os Jurúna com o auxílio dos seringueiros os dizimaram. O grupo ficou realmente desmantelado e prestes a extinguir-se. Consistia em sòmente poucas famílias. Para sobreviver, necessàriamente, teve de procurar substancial enxêrto humano. As circunstâncias lhe eram favoráveis. Como já dissemos, nas cabeceiras do Paranajuba os Suiá encontraram os Yarumá. Houve de início desconfianças mútuas e pequenos desentendimentos, mas os dois grupos se uniram pouco depois em conseqüência da quase-extinção dos Yarumá pelos Kuikúru. Embora a tabela genealógica não esteja completa quanto aos elementos integrados, pelos motivos já mencionados (pois temos notícia de vários outros irmãos e irmãs dos Yarumá ali indicados, não constantes na tabela, por não terem deixado descendência ou porque esta se extinguiu), observa-se que naquela geração os elementos estranhos eram mais numerosos do que os próprios Suiá. Êstes, entretanto, de qualquer maneira mostraram-se culturalmente mais fortes, absorvendo por completo os Yarumá. Hoje, os Yarumá são uma tribo extinta.

Êste foi o primeiro grande enxerto tribal que deu aos Suiá fôrça suficiente para se restabelecerem como grupo. A integração foi facilitada pela circunstância de ambos os grupos já serem pequenos e os indivíduos de um e outro aparentados entre si. Havia apenas restritas possibilidades de casamento dentro dos próprios grupos. Pela união, essas possibilidades aumentaram sensìvelmente, levando à fusão completa. Outrossim, o processo de integração e absorção continuou, e continua, embora em menor escala, pela incorporação de elementos Waurá, Txukahamãi etc. e, ùltimamente, de Jurúna e Kayabí.

Um segundo processo de absorção estava em vias de realizar-se nestes últimos anos, com relação aos Trumái. Mas não chegou a se completar. Embora no século passado também tenha havido épocas de convivência pacífica com os Trumái, que resultou na aceitação de uma série de elementos culturais xinguanos por parte dos Suiá, foram êstes que arrasaram os Trumái na região do Ronuru[27]. Êste grupo sempre continuou pequeno e fraco. Quando os Trumái desceram para a região norte do então Parque Nacional do Xingu (pelos anos de 1964/65), ficaram receiosos da proximidade dos Suiá. Fizeram sua aldeia bem perto do Pôsto Diauarum, a uns 15 minutos dêste, na foz do Suiá-miçu. Tinham assim apoio e refúgio no caso de hostilidades dos grupos da região. Outrossim, por intermédio do Pôsto, os Trumái começaram a ter relações bastante amistosas com os índios da região norte do Parque e também com seus antigos inimigos, os Suiá; con-

tactos que resultaram em aproximação bastante estreita por entrecasamentos entre os dois grupos. A base atual do grupo Trumái é formada por duas famílias (cujos chefes são os velhos Yuruí e Lituarü). Além das crianças, havia um total de duas moças e seis rapazes adultos. Quatro dêstes rapazes (Saukú, Ahahí, Aruyawí e o assassinado Yauaritú) casaram-se com mulheres Suiá[28], de forma que, até a época da nossa estada ali, os Trumái adultos e ainda não casados se reduziam a duas moças[29]. Parecia, além disso, que, devido ao recente assassinato dos dois Trumái pelos Kayabí e Jurúna (em maio de 1967), haveria uma fusão total dos Trumái com os Suiá. Os dois grupos fizeram até roças em comum no Paranajuba, terras adentro, acima do Yamurekumã, local da aldeia Suiá. Em outras palavras: estava-se preparando uma união dos Trumái e Suiá, que, pelos casamentos já havidos e as possibilidades de outros em futuro próximo (com as atuais crianças), resultaria em fusão e absorção dos Trumái pelos Suiá. Na última hora, porém, esta fusão tribal não se realizou. Com mêdo dos Kayabí e Jurúna, que no decorrer de um mês tinham morto dois homens seus, e por outros motivos de ordem pessoal dos líderes Trumái, o grupo preferiu abandonar as roças já feitas no Paranajuba e a região tôda, retornando ao Pôsto Leonardo, ao sul, onde, provàvelmente, farão aldeia na foz do Tutuari e onde se sentem mais seguros. Houve, portanto, uma fusão apenas parcial entre os Suiá e os Trumái. Mesmo assim, os Suiá absorveram quase todos os elementos masculinos da geração casadoura dos Trumái.

O que de notável se delineia em todos êsses fatos é a maneira pela qual os Suiá tentaram resolver os seus problemas genético-demográficos. Enquanto outros grupos periféricos da área, p. ex. os Xavánte, encontraram a solução num sistema de "fissão-fusão" (Neel, 1967:556 s.)[30], os Suiá adotaram outras medidas: um sistema de incorporação (individual) e absorção (grupal) de elementos humanos alheios, mas sem fissão do próprio grupo. Talvez se queira ver os começos de um processo de fissão na existência temporária de duas aldeias simultâneas (p. ex. Tepsoatiyangô-Akrutiyangô, Ngôsakatí-Ngôtiré). Embora isto seja possível, faltam evidências para a suposição. A divisão grupal em duas aldeias, sempre por curto tempo e sem tendência manifesta para uma separação definitiva ou a fusão com outro grupo qualquer, parece basear-se, antes de tudo, na estruturação do próprio grupo.

O conjunto dos processos de absorção e integração tribais parece ter sido um dos fatôres que, no passado, mais contribuíram e, no presente, continuam contribuindo para garantir aos Suiá a sobrevivência no atual ambiente xinguano; mais ainda, incluindo os (por enquanto) ocasionais casamentos com os Jurúna e Kayabí, com os quais os Suiá estão atando relações cada vez mais amistosas. Ainda não se pode prever a extensão dos resultados, que, em todo caso, não serão prejudiciais aos Suiá. Não há dúvida de que o seu

amplo sistema de integração tribal, juntamente com a matrilocalidade quase sempre observada (pela qual o genro, também quando forasteiro, costuma morar na aldeia da mulher, na casa da sogra), lhes dá certa vantagem sôbre os grupos vizinhos.

3. *População atual e perspectivas de sobrevivência*

Baseado na tradição tribal, discutimos, no precedente, as migrações e guerras dos Suiá no ambiente xinguano, seu declínio populacional em conseqüência dêsses fatôres, bem como as tentativas de reconstituir o grupo por meio de amplo sistema de integração e de absorção tribal. Pretendemos, agora, oferecer alguns dados demográficos da situação Suiá em 1967[31].

Trata-se, principalmente, de estatísticas sôbre idade, natalidade, mortalidade etc. Advertimos de antemão que elas nos dão apenas valôres aproximados e incompletos. Para uma avaliação exata deveriamos dispor de outros informes, tais como a cota de mortes causadas por guerras nos decênios passados ou estatísticas e observações anuais sôbre natalidade, mortalidade infantil, mortalidade em geral, etc. São informações fora do nosso alcance, seja por deficiência das fontes indígenas, seja por falta de assistência pessoal. No Pôsto, infelizmente, são se encontram tais dados. Todavia, cremos que mesmo assim os quadros estatísticos a serem apresentados permitirão a dedução de algumas conclusões de valor sôbre a situação demográfica e genética do grupo.

TABELA I

Faixas de idade em anos	Masc.	Fem.	Total	Proporção sexual (terciária) de homens para 100 mulheres.	
0-5	9	7	16	128,6	
6-10	6	5	11	120,0	
11-15	3	4	7	75,0	
16-20	3	5	8	60,0	88,6 (média)
21-25	4	9	13	44,4	
26-30	5	4	9	125,0	
31-35	1	1	2	100,0	
36-40	0	0	0	0,0	
41-45	0	2	2	0,0	
46-50	1	3	4	33,3	
51-55	0	1	1	0,0	
55-60	0	1	1	0,0	
SOMA:	32	42	74	Média: 76,2	
	43,2%	56,8%	100%		

Fig. 3 — *Pirâmide da população Suiá*

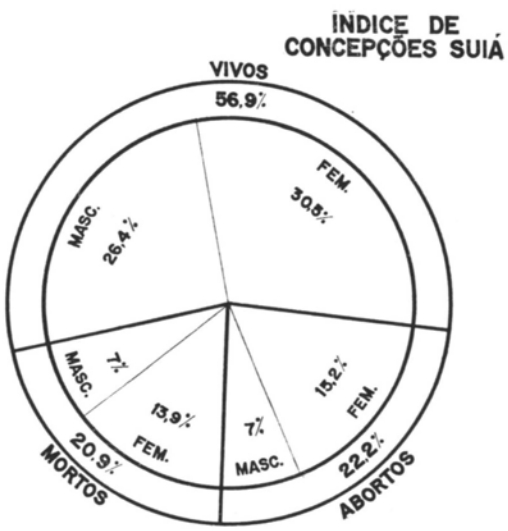


Fig. 4 — *Concepção da população Suiá*

Existe um total de 65 indivíduos considerados legítimos Suiá pela consciência grupal. Tivemos a sorte de vê-los reunidos temporàriamente na aldeia, de forma que conseguimos fazer um levantamento demográfico numèricamente completo. Apresentaremos em primeiro lugar uma tabela sôbre a idade em faixas etárias de 5 anos, agrupadas por sexo (ver também fig. 1). São incluídos 9 elementos estranhos, habitantes efetivos da aldeia que, de certa maneira, já pertencem ao grupo por serem pais ou avós de filhos e netos Suiá, embora êles mesmos pertençam a outros grupos (3 Waurá, 1 Trumái, 1 Txukahamãi, 2 Meináku, 2 Jurúna)[32]. Com êstes, a população efetiva da aldeia atinge a 74 indivíduos.

Conforme a tabela I, o elemento masculino abrange 32 indivíduos que perfazem 43,2% da população Suiá ou que, em têrmos de proporção sexual, dão uma média de 76,2 homens para 100 mulheres, enquanto o elemento feminino, com 42 indivíduos, alcança 56,8% sôbre o total dos habitantes. Há um certo "superavit" feminino (10 indivíduos), que alcança 13,6% sôbre o total populacional e que, do ponto de vista de proporção sexual, causa uma deficiência de 23,8 homens (para 100 mulheres). O indicado "excedente" feminino, entretanto, é constituído, em grande parte, por mulheres de idade acima da faixa de 40 anos, as quais já não têm importância genética para o futuro do grupo. Como se nota, existe ainda um quase-equilíbrio numérico entre os elementos de sexo masculino e feminino até a faixa dos 40 anos (31:35 indivíduos), que na proporção sexual estabelecida se revela como média de 88,6 homens para 100 mulheres.

É interessante observar que entre os Suiá, com exceção das faixas de 0-10 e 26-30 anos de idade, a proporção sexual de tôdas as outras faixas, como também as médias daí resultantes, são francamente a favor do elemento feminino, que sobrepuja. Talvez isto possa ser considerado um ponto a favor da sobrevivência dos Suiá, pois estatísticas semelhantes sôbre outras populações (p. ex. Stern, 1963:504 s.) acusam, em geral, um "excedente" masculino até a faixa dos 50 anos. Todavia, com o escasso material que possuímos, será difícil determinar as causas dessa diferença.

O "superavit" feminino, outrora provàvelmente maior, devido ao maior número de integrantes do grupo[33], e as médias proporcionais sempre favoráveis ao elemento feminino, poderão, talvez, esclarecer certos fenômenos na história e na vida dos Suiá. Pela circunstância de sempre terem sido mais "ricos" em mulheres que seus vizinhos, explica-se, até certo ponto, uma das razões dos constantes ataques empreendidos contra os Suiá. Os relatos de Oliveira (1968:7 seg.) e Nimuendajú (195-:433), p. ex., deixam bastante claro que os Jurúna queriam dos Suiá, principalmente, mulheres e crianças, das quais tinham necessidade para a sobrevivência de seu grupo. Por outro lado, em vista de um constante "excedente" feminino, os Suiá trataram de atrair, aprisionar e incorporar, de preferência, elementos masculinos. As fontes bibliográficas, excetuando-se poucos casos, fa-

lam quase só de prisioneiros de guerra masculinos entre os Suiá: p. ex. Manitsauá, Waurá, Jurúna, etc. Mesmo nos tempos atuais verificamos que a quase totalidade dos rapazes casadouros Trumái foi atraída, de maneira pacífica, para casar-se com mulheres Suiá. O fenômeno se repete com os elementos da novíssima geração Suiá casadoura: são os homens de outras tribos que são induzidos a casar-se e a morar com os Suiá. O resultado que se tenta alcançar é êste: diminuir o "excedente" feminino, conseguir melhor equilíbrio nas proporções sexuais do grupo e obter novas combinações gênicas nas famílias pelos intercasamentos.

Voltemos, todavia, à nossa estatística.

Interessante é ainda a comparação da percentagem populacional das faixas de 0-40 anos em relação às da mesma idade de outras populações. Escolhemos, para exemplificação, outro extremo numérico, a saber a população da Amazônia Clássica[34], na qual a faixa de 0-40 anos perfaz 83% do total da população (1.844.655), enquanto entre os Suiá, não obstante a diferença numérica (74 indivíduos), os elementos humanos da mesma faixa de idade (0-40 anos) perfazem 89% do total.

Outrossim o quadro acima evidencia que existe certa desproporção numérica entre os elementos abaixo e acima de 40 anos. Trata-se de dois grupos de faixas de idade, separados por uma de nível populacional zero, na altura de 36-40 anos. Poder-se-ia concluir daí que faz de 30 a 40 anos que os Suiá atravessaram o período crítico de sobrevivência individual e que nessa época se encontra a maior cota de mortalidade entre os adultos. Pode-se objetar que a quase-inexistência de homens de idade (acima dessa faixa de 40 anos) se explicaria, talvez, pelas guerras e lutas. Entretanto, o índice das mulheres, que nunca participavam diretamente das lutas, sendo sempre mais protegidas, é igualmente reduzido. Tampouco o rapto de mulheres e outros fatôres esclareceriam satisfatòriamente o assunto. Ademais, é semelhante a situação populacional em 1966/67 para quase todos os outros grupos xinguanos, entre os Yawalapití, os recém-atraídos Txikão, os Trumái e os Jurúna. O baixo número de gente velha parece uma constante nos quadros demográficos dêsses grupos xinguanos[35]. Há mais de 40 anos, o Cap. Reis (*apud* Vasconcelos, 1945:108) deparou-se com o mesmo fato, anotando em seu relatório sôbre os Meináku: "A proporção de crianças e rapazotes para os velhos era notável: havia 10 crianças para um velho. Que fariam êles dos velhos?... Havia, entretanto, mais mulheres velhas que homens velhos...". Por êstes e outros motivos semelhantes chegamos, pessoalmente, à opinião de que a faixa dos 40 anos, indicando um nível populacional zero, constitui para os Suiá realmente a linha normal de mortalidade, da qual, por fatôres particularmente favoráveis, escapam sòmente poucos indivíduos. Todavia, é possível que esta linha recue mais, daqui

por diante, não só porque os tempos agitados de lutas e guerras já se passaram para os Suiá, mas também porque eventuais doenças e epidemias são logo combatidas pelo Pôsto, onde existe assistência sanitária. A moderna civilização "vitaminada" sempre deixará algum benefício em favor da sobrevivência dos Suiá.

Podemos ainda formular outra pergunta, a saber, se o grupo Suiá, na situação atual, tem possibilidade de sobrevivência. Um vislumbre de eventuais probalidades fornece-nos outra estatística, levantada com auxílio da maior parte das mulheres adultas, mães, indicando quantos filhos tiveram no total (portanto, *sem limitação de idade dêstes*), quanto ainda vivos, quantos falecidos e quantos abortivos[36]. A estatística abrange 20 mulheres, que distribuímos em faixas de idade (V. figura 2). Ei-la:

TABELA II

Nº de mães	Faixa de idade das mães	Filhos vivos masc.	vivos fem.	mortos masc.	mortos fem.	abortivos masc.	abortivos fem.	Total de concepções indicadas
1	16-20	1	—	—	—	—	—	1
8	21-25	3	3	1	3	2	5	17
4	26-30	4	3	2	1	2	2	14
1	31-35	1	—	—	1	—	1	3
0	36-40	—	—	—	—	—	—	0
1	41-45	3	3	1	1	—	—	8
3	46-50	4	11	1	3	1	2	22
1	51-55	2	2	—	—	—	—	4
1	56-60	1	—	—	1	—	1	3
Tot.: 20		19	22	5	10	5	11	72
		26,4%	30,5%	7%	13,9%	7%	15,2%	100%
		56,9%		20,9%		22,2%		100%

Várias deduções poderão ser tiradas desta tabela, a saber:

Temos no quadro 20 mulheres-mãe de tôdas as faixas de idade, com 41 filhos vivos e 31 filhos mortos, dos quais 15 falecidos e 16 abortivos, com um total de 72 concepções indicadas. A cada mulher cabe, pois, teòricamente, uma média de 3,6 concepções. Estas compreendem 2,05 filhos vivos e 1,55 filhos mortos ou sejam 0,75 filhos falecidos e 0,80 filhos abortivos.

Resu'ta dêstes dados que, entre os Suiá aqui citados, a mortalidade de filhos (incluindo os abortivos como os falecidos), nùmericamente, abrange 31 casos (43,1%) contra 41 filhos vivos (56,9%). Existe, portanto, uma cota a favor dos filhos vivos, montando em 13,8%, enquanto a diferença

entre os filhos mortos (15 casos) e os abortivos (16 casos) é mínima, relacionando-se os casos 15:16 como 20,9%: 22,2% sôbre o total das concepções e sendo, pois, a cota de abortivos 1,3% mais alta que a dos filhos falecidos[37].

À primeira vista, a faixa de 21-30 anos aparenta ser a mais prolífera para os Suiá. Só nesta faixa ocorreram 31 (ou sejam 43,1%) de tôdas as concepções indicadas. Comparando-se, entretanto, esta faixa com o total das outras, notar-se-á que, especialmente, as médias alcançadas falam em certo desfavor daquela. O seguinte quadro poderá esclarecer melhor o assunto focalizado:

TABELA III

	20 mães Suiá								
	12 mães de 21-30 anos			8 mães de outras idades			Total		
	N.º	%	Média	N.º	%	Média	N.º	%	Média
Filhos vivos	13	18	1,1	28	39	3,5	41	57	2,05
Filhos falecidos	7	10	0,58	8	11	1,0	15	21	0,75
Abortos	11	15	0,92	5	7	0,62	16	22	0,8
Total de concepções	31	43	2,6	41	57	5,1	72	100	3,6

Desejaríamos destacar que a média dos abortivos é por um têrço mais alta na faixa de 21-30 anos do que nas outras e que a média do índice concepcional das faixas de idade mais antigas é, pràticamente, 100% maior do que na de 21-30 anos. Chegamos, por fim e novamente, às médias já anteriormente citadas de 3,6 concepções por mulher et., médias que encontram equivalente aproximado em outras estatísticas do gênero conhecidas (p. ex. Salzano, 1967:52).

Temos que incluir aqui a observação de que a proporção porcentual de abortos dêsses dois grupos de mulheres talvez constitua uma constante no sentido de tratar-se de um fenômeno repetitivo para as faixas indicadas, porém não contínuo para os (grupos de) indivíduos femininos. A alta porcentagem de abortos provocados deve ser compreendida na sua antiga função social, subsistindo em bases tradicionais. Outrora, o nôvo casal e principalmente o homem, tendo um filho, passava automàticamente para outra classe de idade, para a categoria de velho. Hoje, as classes de idade, embora ainda lembradas, não funcionam mais como nas gerações passadas. Ainda assim, a razão por que até hoje os maridos recém-casados insistem para que a mulher aborte, ainda é a mesma. Esta prática continua até, por alguma falha no método abortivo, nascer o primeiro filho.

Então, o homem se conforma geralmente, e daí em diante os abortos provocados cessam e o casal deixa nascer os filhos que vierem. Daí, por um lado, a alta porcentagem de abortos na dita faixa de 21-30 anos de idade e, pelo outro, o declínio porcentual nas outras. Aplicando isto ao que foi dito, explica-se a possível "constante" a que nos referimos, pois o fato se repete. E enquanto a atual faixa de 21-30 anos passa para a seguinte com menor ou até nenhuma porcentagem de abortos adicionais, a "jovem guarda" chega à faixa casadoura e com isso à "faixa dos abortos": um processo repetitivo.

Quanto ao sexo dos filhos, a estatística (Tabela II) indica que houve 29 concepções de filhos de sexo masculino (19 vivos, 5 falecidos, 5 abortivos), perfazendo 40,4% do total das concepções; e 43 filhos de sexo feminino (22 vivos, 10 falecidos, 11 abortivos) com 59,6% do total. Há, portanto, um "superavit" de 14 concepções de filhos de sexo feminino ou seja 19,2%.

Não resta dúvida de que os dados aqui apresentados, embora interessantes, são poucos e de certa maneira precários. Mesmo assim, tentaremos resumir os vários pontos, a fim de obter uma perspectiva razoável.

Biològicamente, como demonstramos, os atuais Suiá descendem de uma mescla com elementos de pelo menos 10 grupos indígenas, formando, hoje em dia, uma entidade de 74 indivíduos com alto grau de unidade e indiferenciação. Ao nosso ver, um dos fatôres que mais contribuíram para a sobrevivência do grupo foi justamente essa mescla múltipla, pela qual se evitou o incesto que, pela redução da tribo se teria tornado inevitável. Os Suiá resolveram, como já mencionamos, seu problema genético-demográfico não tanto por um sistema de fissão-fusão, mas por incorporação (de indivíduos) e absorção (de grupos menores).

Viu-se que a proporção sexual entre os elementos masculinos e femininos do grupo sempre pende a favor das mulheres (76,2 homens para 100 mulheres), proporção que, mesmo nas faixas de idade mais aptas para a procriação, até 40 anos, permanece em desfavor dos homens, com uma média de 88,6 para 100 mulheres. Isto pode ser avaliado como positivo para os Suiá, pois um grupo com maior número de mulheres possui mais possibilidades genéticas e, portanto, mais possibilidades de sobrevivência.

Outro ponto que pode tornar-se positivo para os Suiá é a proporção de concepções da faixa das mulheres de 21-30 anos em relação à geração nova, abaixo desta faixa. Temos aí 12 mulheres registradas, com 31 concepções, ou seja, 43,1% do total das concepções, porcentagem ligeiramente esperançosa em relação à nova geração que ,no momento, abrange 21 meninas, futuras mães. (Aplicando-se a mesma escala, elas poderiam ter redondamente 54,2 concepções com 23,7 filhos vivos). Advém ainda que,

quando êste grupo jovem chegar às possibilidades de procriar, a atual faixa dos 21-30 anos ainda possui bastante valor genético, podendo contribuir de modo eficiente para elevar o nível populacional dos Suiá.

Cremos, por isso, que, de fato, existe certa margem de possibilidade para a sobrevivência do grupo Suiá, a qual — salvo imprevistos — se realizaria com passo seguro, embora com ascensão bastante lenta. Se é que, de acôrdo com L. Livi (*apud* Salzano, 1967:92), a estabilidade e a continuidade demográfica de um grupo se encontram asseguradas sòmente quando a população é superior a 500 habitantes, os Suiá, para lá chegar, têm diante de si um longo caminho e alcançarão êsse número só com notável esfôrço.

O grande fator negativo, segundo a estatística supra, consiste nos abortos provocados. É o "problema número um" para a sobrevivência dos Suiá. Pode-se indicar fatôres ecológicos, sócio-culturais, estruturais e tradicionais, mas seria difícil dizer de forma concreta a quais dêles se deve a persistência dêsse fator negativo, como também precisar a razão pela qual os Suiá, que superaram uma série de outros problemas culturais para a sua sobrevivência, não conseguiram ainda resolver êste problema[38].

NOTAS

1) Tentamos, até certo ponto, preencher esta lacuna com duas visitas aos Suiá, em 1966 e 1967. Os dados colhidos estão em fase de elaboração. Chamamos ainda a atenção para o fato de que no presente trabalho nos utilizamos, essencialmente, de notas de campo e da tradição tribal Suiá, esta última, porém, um tanto prejudicada pela escassez de elementos humanos mais antigos. Apresentando, assim, a tradição e, portanto, o ponto de vista Suiá, é possível surgirem, de quando em vez, ligeiras divergências com relatos de ou sôbre outros grupos da área. Isto é compreensível, pois cada grupo, naturalmente, narra os episódios a seu modo, de um ponto de vista etnocêntrico. As poucas referências bibliográficas ocupam apenas lugar secundário, para fins de aproximada coordenação.

2) A autodenominação dos Suiá é "me", isto é, "gente". Foram chamados pelos outros grupos Siuyá (com as pequenas variantes Síwyá e Síwuyá), têrmo que também aceitaram. Explicaram-no como sendo antigo ou arcaico, significando "batoque labial grande" ou, em aplicação pessoal, os "Beições". Todavia, mantemos aqui a forma Suiá, pela qual são conhecidos na literatura etnológica.

3) O rio Xingu, como também vários outros rios e igarapés maiores, é denominado pelos Suiá ngô-tí = Água Grande.

Convém indicar que adaptamos, tanto quanto possível, a transcrição lingüística ao alfabeto português. Algumas exceções:

/f/ = usamos êste sinal por convenências tipográficas, embora, na realidade, signifique uma fricativa plana, surda, bilabial, geralmente representada por /p/ cortado nos sistemas fonéticos.

/ü/ = vogal oral, alta, fechada, central, não arredondada.

/ö/ = vogal oral, média, fechada, central, não arredondada.

4) Também os Kamaiurá e outros grupos xinguanos são às vêzes designados pelos Suiá como Kupé Weamtotí. Todavia, não se trata dêstes, conforme explicação dos Suiá e sim de outras tribos mais ao norte, que hoje êles não sabem mais identificar.

5) Não se indica a razão por que emigraram.

6) Vargem ou várzea: são assim denominadas as terras ribeirinhas do rio Amazonas que, no tempo da enchente se tornan alagadiças e são cobertas pela água lodosa do rio que lhes dá nova fertilidade.

7) Mencionam os Suiá que seus ancestrais nunca tiveram contacto com os Kayabí ou Apiaká, vizinhos dos Mundurukú mais para o sul. Isto pode ser explicado até certo ponto. Segundo a informação de Preporí, um dos chefes Kayabí no Xingu, antigamente os Kayabí e os Apiaká ainda não existiam com êstes nomes e como grupos autônomos, isolados. Formavam, pelo contrário, uma só unidade tribal, Tapuisí ou Tapuisi, denominação que, após a cisão, ficou especificamente para os Apiaká. Sendo a cisão entre os Kayabí e Apiaká relativamente recente, é provável que os antigos Suiá tivessem conhecido sòmente o grupo ainda unido. O que, porém, queremos ressaltar é que os Tapuisí (Kayabí e Apiaká), antigos habitantes da área entre os Mundurukú e os Kreãkóre também eram caçadores de cabeças que mumificavam para as suas festas e danças rituais. Êste fato, a coincidência do contacto com grupos de caçadores de cabeças, não Mundurukú, como também a seqüência dos encontros com êstes grupos hostís: Kupé Saká (Mundurukú?), Kupé Krürü (Kayabí-Apiaká?), Kreãkóre corroboram a suposição de serem os Kupé Krürü os atuais Kayabí-Apiaká, o que indicaria de modo bastante exato o caminho da migração Suiá na área. Todavia, reconhecemos que a identificação dos grupos Kupé Saká e Kupé Krürü é incerta e deixa margem para outras interpretações.

8) Informação pessoal.

9) Ouvimos também a forma ãgrundiyangô, que seria o "Igarapé do Caitetu". Tepsoatí, por sua vez, é o peixe-cachorro. Tepsoatiyangô = "Igarapé do Peixe-Cachorro".

10) Os irmãos Vilas Boas preferem denominar os Postos que administram de Postos de Contenção em vez de Postos de Pacificação. Vêem uma das suas tarefas principais em "conter" a animosidade, parcialmente ainda existente entre os vários grupos indígenas ao seu alcance, evitando, por sua presença e seus conselhos, possíveis desentendimentos intergrupais.

11) Os Suiá pronunciam Maritsauá em vez de Manitsauá. Manteremos, em seguida, a forma "Manitsauá" por já ser consagrada na bibliografia etnológica.

12) Von den Steinen diz que o que ouvira era uma "história cuja maior parte ficamos ignorando". Talvez houvesse mesmo engano. Mais adiante fala de um possível "processo dos Suiá... de transportarem, com segurança, os seus prisioneiros" (1940:149). Os Suiá afirmam que nunca houve "prisioneiros Yarumá" em suas aldeias, asserção que pode corresponder à realidade, pois como ainda veremos, os Suiá e os Yarumá uniram-se estreitamente e em bases pacíficas, o que resultou em fusão de grupos e absorção dos Yarumá pelos Suiá.

13) Segundo uma informação isolada, Monã era apenas uma roça com casa, e não uma aldeia pròpriamente dita. Todavia, a maioria das referências menciona Monã como aldeia Suiá.

14) Alguns informantes mencionam mesmo lutas com os Waurá e Kamaiurá em Yamurekumã, o que outros contestam, dizendo que elas se deram mais tarde e em local mais acima, em Ngôsakatí.

15) Oliveira (1968: 9 s.) relata a tradição Jurúna, descrevendo também os precedentes do massacre no Wawí. Segundo esta informação, depois de um traiçoeiro ataque

Suiá, deveria ter sido incorporada no grupo Suiá uma série de mulheres e crianças Jurúna. A história muito bem pode ter fundo real, embora na forma apresentada nos pareça um tanto exagerada pelo informante Jurúna. Os descendentes Suiá vivos acusam em sua genealogia (vide tabela) um único caso de mescla com Jurúna para a geração anterior à atual. Sem dúvida alguma houve mais casos de mescla com os Jurúna, mas seu número não pode ter sido tão grande como quer parecer por aquêle relato; neste caso, deveria existir muito mais descendência sobrevivente daqueles Jurúna incorporados, visto que os acontecimentos se passaram há uns 50 anos apenas. O episódio do massacre no Wawí e precedentes, como Nimuendajú (1952:433) o aponta, parece enquadrar-se melhor na tradição Suiá.

16) A tradição Suiá se coaduna, bàsicamente, com o que Nimuendajú (1952:433) relata sôbre a chacina feita entre os Suiá pelo "civilizado" Constantino Viana e seus capangas. Enquanto Simões (1963:86) dá como local dos acontecimentos "a aldeia Suiá da foz do rio Suiá-missu", Nimuendajú (*loc. cit.*) aponta "o baixo Paranaiuba", chegando assim mais perto da tradição Suiá. Todavia, parece-nos suspeita a indicação de "15 casas grandes", uma vez que antes das lutas com os Jurúna e os Txukahamái só possuíam aldeia com 9 casas, segundo von den Steinen (1942:244). Donde viria tão grande aumento de população em tão curto espaço de tempo?

Outrossim, Oliveira (1968:7, 9, 11 etc.) menciona várias vêzes a tradição Jurúna sôbre os contactos, quase sempre hostís, com os Suiá. Surgem pequenas divergências de narração que, porém, não alteram, em essência, o quadro geral. Em alguns pontos, todavia, o informante Jurúna não nos parece bastante claro, o que pode resultar numa visão diferente dos fatos. Como já anotamos, a tradição Suiá refere dois lugares de nome Wawí: um no alto Xingu, abaixo do Morená, que colocamos na segunda fase migratória dos Suiá; e outro Wawí no interior do Suiá-miçu, habitado ainda nos anos de 1915-16. O informante Jurúna parece não distinguir entre os dois. Na página 7 fala-se da dupla ocupação do Diauarum pelos Suiá com uma retirada temporária para o "Uavi... que fica no Xingu, acima do Diauarum". Êste episódio corresponde à dupla ocupação do Diauarum e à fuga para o Tepsoatiyangô da tradição, notando-se, todavia, divergência na citação dos locais. Algumas frases mais adiante, a autora relata que "... os Suiá subiram o Xingu novamente, para perto do Uavi. Nesta ocasião, também, um grupo dêstes Jurúna caiu novamente sob o domínio de Constantino Viana..." etc. Entretanto, os episódios da dependência ou ligação dos Jurúna com Constantino Viana, da subida dos seringueiros e do massacre entre os Suiá pelo ano de 1915-16, relacionam-se ao Wawí do Suiá-miçu e não do "Xingu novamente", o que também é atestado por Nimuendajú (1952:432 s.).

17. É de observar que, nessa época, os Suiá já conheciam instrumentos de ferro, embora em escala reduzida.

18) Em nosso cálculo "teórico" de tempo de habitação local situamos os acontecimentos de Ngôsakatí entre 1925-1930 (v. tabela à pág. 14). A julgar pela aproximada coincidência na datação, seria possível que a seguinte anotação de Galvão (1952:472) relativa aos Kamaiurá se refira a êsses ataques: "É interessante observar que até 1949, os Kamaiurá tinham em sua aldeia dois Yuruna. Êstes índios haviam sido trazidos de uma aldeia Suiá atacada e saqueada pelos Kamaiurá. Os lóbulos das orelhas, perfurados e deformados para uso de grandes batoques circulares, atestavam terem êsses Jurúna vivido durante largo tempo entre os Suiá...".

Oliveira (1968:10) fala de vários ataques Jurúna aos Suiá que "devem ter-se passado no período anterior a 1940", apontando possìvelmente para a mesma época de Ngôsakatí. Todavia, a informação Jurúna de que "os Suiá levaram o restante de seus prisioneiros

para a aldeia Kamaiura" (Oliveira, 1968:10) soa inverossímil, visto ter existido quase sempre grande animosidade entre os Suiá e os Kamaiurá, como também por causa do próprio "status de prisioneiro" entre os Suiá. Na suposição de Galvão e Oliveira se referirem aos mesmos prisioneiros Jurúna, a informação de Galvão de um ataque Kamaiurá aos Suiá, donde trouxeram os prisioneiros Jurúna, parece harmonizar-se mais com a situação, na medida em que é perceptível.

19) Transmitimos aqui as informações Suiá como nos foram dadas, embora o episódio da captura dos três irmãos Waurá se enquadrasse melhor nos êxitos da expedição dos Suiá contra os Waurá, em Hoiêyangô.

20) Para fins de comparação entre faixas de idade e número de indivíduos ver a tabela I.

21) Embora o grupo resida em Yamurekumã, uma série de crianças já nasceu no Pôsto Diauarum. Devido às facilidades obstétricas por enfermeiras competentes e a eventual medicação necessária, muitas mulheres já preferem dar à luz no Pôsto. — No Wawí-Sokintí (1961-1962), segundo as informações anotadas, não nasceram crianças. A permanência ali foi muito breve.

22) Nimuendajú (1952:433) parece datar o massacre dos Suiá no Wawí pelos seringueiros para o ano de 1915. A datação combina bastante bem com a nossa tabela de tempo "teórica", embora esta se baseie apenas em datação de faixas de idade etárias de 5 anos.

23) 62 anos (1905-1967) em 7 aldeias dá uma média teórica de 8,85 anos de permanência em cada um dêsses lugares.

24) A média de 8 anos em 6 aldeias dá 48 (respectivamente 53) anos de permanência no Xingu. Na contagem de 6 aldeias excluímos a aldeia simultânea de Akrutiyangô, como também a de Tepsoatiyangô da segunda ocupação que era brevíssima. Mesmo estando-se inclinado a contar a dupla ocupação de Diauarum como uma única, (embora interrompida por um episódio de pânico, quando foram refugiar-se, pela segunda vez, em Tepsoatiyangô), a datação não sofre alteração, indicando, pràticamente, a mesma década.

25) Trata-se dos casos que aparecem na tabela genealógica e dos que dizem respeito aos Suiá vivos, descendentes daqueles. Na realidade, os casos de integração grupal foram muito mais numerosos e de maior âmbito. Lembremos, p. ex., que von den Steinen fala de "10 prisioneiros" Manitsauá na aldeia Suiá, os quais, sem dúvida, segundo o sistema vigente, foram aceitos pelo grupo e nêle se casaram, enquanto em nossa lista consta sòmente um único. Para a presente estatística, porém êsses outros têm relativamente pouco valor, ou porque não deixaram descendência, ou porque esta também já se extinguiu.

26) Os Suiá, tendo certa dificuldade em emitir o "/x/, dizem "Asisí", enquanto os Jurúna e outros pronunciam "Axixi".

27) Ao que parece, os Trumái sofreram várias derrotas a que não há alusão específica na presente versão da tradição Suiá. Ehrenreich (1929:253, 270) fala de uma delas que, talvez, coincida com a segunda estada dos Suiá em Tepsoatiyangô, entre as duas ocupações de Diauarum. Amendrontados pela presença dos Trumái e Kamaiurá ou pela luta que houve (?), resolveram voltar para Fuinkotí. Talvez a derrota dos Trumái em 1887, mencionada por Ehrenreich, se encaixe aí, pois em 1884 e 1887 os Suiá moravam ainda em Fuinkotí-Diauarum.

28) Os outros dois são Kaluene e Matiuanã. Kaluene, entrementes também assassinado, se tinha casado com duas mulheres Jurúna e Matiuanã com uma mulher Kamaiurá.

29) Dizia-se, entretanto, que as duas moças já haviam ficado "noivas", uma de um rapaz Jurúna, a outra de um Kamaiurá.

30) Notas mais explícitas sôbre o sistema de "fissão-fusão" entre os Xavánte encontram-se em Neel, 1967: 556 s.

31) Com grata satisfação reconhecemos o valor dos apontamentos que o Dr. Manuel Ayres, Prof. de Genética da Universidade Federal do Pará, nos forneceu para o melhor manuseio dos dados estatísticos dêste capítulo.

32) Foram excluídos desta estatística alguns elementos estranhos ao grupo, recém-casados com mulheres Suiá, os quais, na ocasião, ainda não tinham resolvido a questão de sua residência, em parte devido à intervenção do Pôsto (p. ex. Ahahí, Aruyawí Nawé etc.).

33) Von den Steinen (1942:246), em 1884, calculou os Suiá em 150 indivíduos e isto depois das grandes baixas sofridas em Metüktitó, onde parte dos Suiá pereceu.

34) Benchimol, 1966, tabela 120, censo de 1950.

35) Fenômeno idêntico observa-se também entre populações não-xinguanas, p. ex. os Xavánte (Neel, 1967:566. "... the relative absence of individuals over 40 years of age is one of the most troublesome observations...") e mesmo para o norte do Amazonas, entre os índios Aparái, Wáyana, Tiriyó, Kaxúyana, Híxkaruyána e outros (observações próprias). Exceção parecem constituir grupos bastante aculturados, como os Kayabí e Mundurukú, onde a porcentagem de homens e mulheres de idade talvez seja um pouco mais alta. Será que, vencidas as barreiras da adaptação, os fenômenos de aculturação se refletem também num recuo lento da faixa de mortalidade indígena?

36) Trata-se, na maioria dos casos, de abortos provocados. Incluímos êste aspecto propositadamente, porque o abôrto provocado, como ainda mencionaremos, especialmente em mulheres novas e recém-casadas, exerce, dentro do grupo, certa função, embora menos acentuada como p. ex. entre os Kayapó.

37) Esta cota de 22,2% para abortos é realmente alta e pode tornar-se desastrosa para os Suiá. Para fins de comparação citamos Salzano (1967:54) que indica uma oscilação de 10% a 15% para populações em ambiente civilizado.

38) Numa aplicação concreta, poder-se-ia dizer que os órgãos de proteção, neste caso os Postos do Xingu, têm certa obrigação de ajudar os Suiá para vencerem mais ràpidamente a luta pela sobrevivncia. Em parte, os Postos já o fazem, combatendo as doenças e epidemias, e procurando insistentemente elevar o nível higiênico do índio. Mas, como a estatística demonstra, existe um fator arraigado no grupo que deveria ser reduzido a uma escala razoável: o abôrto provocado. Poder-se-ia alcançar isto por meio de uma "campanha de esclarecimento", explicando ao índio como os abortos provocados, em escala tão exagerada, são nocivos à sobrevivência do grupo. Que tal método de esclarecimento dá resultados práticos, constantamo-lo entre os índios Tiriyó. Existia, em 1960, uma única criança na aldeia Tiriyó do Paru de Oeste. Os missionários fizeram uma hábil "campanha de esclarecimento". Resultado: em 1967 contaram-se na mesma aldeia 43 crianças entre 1 e 6 anos de idade. Somos da opinião, já que uma das funções essenciais dos Postos é proteger os índios, que a proteção não deve ignorar os perigos internos, vindos do seio de sua própria sociedade; cumpre apontá-los, quando não compreendidos pelo índio. Todavia, pessoas de responsabilidades nos Postos do Xingu, com as quais falamos sôbre o tema, consideravam isto como "interferência" no ambiente familiar do índio. Entretanto, não se trata aqui de interferência e sim, simplesmente, de conselhos e esclarecimentos, fazendo o índio ver que tais práticas, em abuso, arruinam o grupo. Se se conseguisse a redução do alto índice de abortos aos meramente ocasionais, a cota e a porcentagem de filhos vivos subiria bastante. Tais medidas, de fato, seriam uma ajuda previdente e realmente eficiente em favor da sobrevivência dos Suiá.

BIBLIOGRAFIA

Benchimol, Samuel

1966 Est:utura Geo-social e econômica da Amazônia. 1º vol. Ed. Govêrno do Amazonas. Manaus.

Ehrenreich, Paul

1929 A segunda expedição alemã ao Xingu. Rev. do Museu Paulista. São Paulo, XVI; 247-275.

Galvão, Eduardo

1952 Breve notícia sôbre os índios Jurúna. Rev. do Museu Paulista. N. S. 6:469-77. São Paulo.

Neel, James V. and Salzano, Francisco M.

1967 Further Sudies on the Xavante Indians. American Journal of Human Genetics. Vol. 19, n + 4:554 ss.

Nimuendajú, Curt

1952 Os Gorotire. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios, em 18 de abril de 1940. Rev. do Museu Paulista. N. S. 6:427-53. São Paulo.

Oliveira, Adélia Engrácia de

1968 Os índios Jurúna e sua cultura nos dias atuais. Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. nº 35. Antropologia.

Salzano, F. M. e Freire-Maia, N.

1967 Populaçõcs Brasileiras. Aspectos demográficos, genéticos e antropológicos. Editôra da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Simões, Mário F.

1965 Os Txikão e outras tribos marginais do Alto Xingu. Rev. do Museu Paulista. N. S. 14:76-104. São Paulo.

Steinen, Karl v. den

1940 Entre os Aborígines do Brasil Central. Separata renumerada da Revista do Arquivo Municipal, nºs XXXIV a LVIII. Departamento de Cultura. São Paulo.

1942 O Brasil Central: Expedição em 1884 para exploração do rio Xingu. Trad. Catarina B. Cannabrava. Ed. Nacional, 420 págs. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, S. 5, Brasiliana, Grande Formato, 3). São Paulo.

Stern, Curt

1963 Princípios de Genética Humana. Libreria "El Ateneo" Editorial. Barcelona.

Vasconcelos, Capitão Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca

1945 Expedição ao Rio Ronuro. Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Publicação nº 90. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro.